

## IMPASSES ALIMENTARES INFANTIS: CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS

CHILDREN'S FOOD DIFFICULTIES: PSYCHOANALYTICS CONSIDERATIONS

### ARTIGO ORIGINAL

Kamilla da Silva Pinto<sup>1</sup>  
Ana Suy Sesarino Kuss<sup>2</sup>

Recebido em 19 de dezembro de 2016  
Aceito em 24 de julho de 2017

### RESUMO

Este estudo tem como objetivo promover algumas reflexões acerca de impasses alimentares na infância, enquanto recusa. Pretende-se denotar a ligação desses sintomas com a figura materna. O seio materno, assim como os seus substitutos, serve como um meio para que o bebê se alimente. Entretanto, para além do fator biológico da alimentação, estão atreladas questões que não se referem apenas ao saciar da fome. Nesta fase inicial na qual o bebê inaugura o prazer oral, Freud traz o conceito do chuchar. Lacan postula que na fase oral duas demandas se fazem presentes: a de ser alimentado e a de se deixar alimentar. Para tanto, a relação inicial entre mãe e bebê é dual, onde esta, que exerce a função materna, será o primeiro objeto no qual o bebê investirá libido. Porém, posteriormente, será necessária a entrada da função paterna. A entrada do pai, enquanto aquele que encarna a função de significante de Nome-do-Pai, será fundamental para que a criança tenha a possibilidade de sair dessa relação dual com a mãe e assim possa se constituir como sujeito. Mas diante da construção da relação entre mãe e bebê, quando a criança se recusa a se alimentar, o que se pode pensar que poderia sustentar tal recusa? É a partir da consideração de que a alimentação da criança passa de forma fundamental por sua relação com a mãe, que este trabalho pretende elucidar alguns aspectos a respeito de possíveis dificuldades alimentares infantis.

**DESCRITORES:** infância; recusa alimentar; sintoma, Freud, Lacan.

### ABSTRACT

This study aims to promote some reflections about food difficulties in childhood, while food refusal. It's intended to denote the connection of these symptoms with the maternal figure. The mother's breast, as well as its substitutes, serves as a means for the baby to feed. However, beyond the biological factor of food, are linked issues that do not refer only to the satiety of hunger. In this initial phase in which the baby inaugurates oral pleasure, Freud brings the concept of to suck. Lacan postulates that in the oral phase, two demands are present: to be fed and to allow to be fed. For this, the initial relationship between mother and baby is a duality, where this one that exercises the maternal function will be the first object in which the baby will invest lust. However, later, it will be necessary the entrance of the parental function. The entrance of the father, while the one who embodies the function of signifier of Name-of-Father, will be fundamental so that the child has the possibility to leave this dual relation with the mother, and then, can be constituted as subject. But before the construction of the relationship between mother and baby, when the child refuses to feed, what can be thought that could sustain such refusal? It is from the consideration that the feeding of the child passes fundamentally by its relation with the mother, that this study intends to elucidate some aspects about possible children's alimentary difficulties.

**KEY WORDS:** childhood; Food refusal; symptom; Freud; Lacan.

<sup>1</sup> *Especializanda em Psicologia Clínica: abordagem psicanalítica, Psicóloga. Egressa do curso de Psicologia do Centro Universitário Autônomo do Brasil – Unibrasil. Endereço: R. Konrad Adenauer, 442 – Tarumã – Curitiba – PR. E-mail: kamilla.psiq@gmail.com*

<sup>2</sup> *Doutoranda em Pesquisa e Clínica em Psicanálise pela UERJ, Mestre em Psicologia pela UFPR, docente do Centro Universitário Autônomo do Brasil - UniBrasil. Endereço: R. Konrad Adenauer, 442 – Tarumã – Curitiba – PR. E-mail: Ana\_suy@yahoo.com.br*

## INTRODUÇÃO

O seio materno ou, ainda, o seu substituto, refere-se a um meio pelo qual o bebê irá se alimentar. Mas para além da função da alimentação no sentido da saciar a fome, questões importantes se desenham nesse momento primitivo e primordial da vida de um bebê. Freud<sup>(1)</sup> discorre sobre o “chuchar”, que seria o prazer que o bebê extrai da alimentação para além da satisfação da fome, localizando uma satisfação autoerótica que inaugura a boca como uma zona erógena. Lacan destaca que nessa fase envolvem-se duas demandas, a de ser alimentado e a de se deixar alimentar. Assim, inicialmente, a relação da figura materna com o bebê se marca por uma dualidade.<sup>(2)</sup>

Entretanto, se faz necessário algo que venha a delimitar a relação entre mãe e bebê. Neste sentido, Lacan discorre sobre a entrada da metáfora paterna, que é nomeada de significante do Nome-do-Pai. A entrada deste significante é fundamental para que a criança tenha a possibilidade de sair desta relação dual com a mãe e assim possa se constituir como sujeito.<sup>(3)</sup>

Entretanto, sabe-se que há crianças que recusam alimentos ou até mesmo o leite materno. Assim, a pergunta que orienta este trabalho é: o que leva uma criança a tal impasse? Na relação entre mãe e bebê, quando este recusa o seio materno e/ou seu substituto, bem como demais tipos de alimentos, o que estará sustentando este impasse alimentar?

Para Lacan os sintomas da criança são uma forma de resposta em relação ao que há de sintomático na família. Estes, podem representar uma verdade, portanto, a verdade do casal, ou ainda, a subjetividade da mãe.<sup>(4)</sup>

Lacan aponta duas possibilidades de interpretação para o sintoma de uma criança: a primeira delas está atrelada a questões familiares e a segunda delas está ligada à mãe. Em ambos os casos, a função do sintoma seria denunciar algo de conflitivo nestas relações.

## MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica pautada nas teorias de Sigmund Freud e de Jacques Lacan, em alguns pontos que elucidam pensar os sintomas alimentares infantis no que tange à recusa alimentar. Para isso, o que se propõe é estudar de que modo a relação da mãe com o bebê se marca, de modo a encaminhar a relação que uma criança terá com os alimentos em sua vida.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir de estudos na psicanálise freudiana compreende-se que, inicialmente, tanto meninos quanto meninas, possuem a mãe como sendo o seu primeiro objeto de amor.<sup>(5)</sup> Portanto, a mãe refere-se ao primeiro objeto de amor para o qual a criança direciona a libido, visto que a mãe seria aquela que fornece os primeiros cuidados à criança.

É importante destacar que quando parte-se dos pressupostos da psicanálise, a mãe é entendida enquanto função, ou seja, a função materna não necessariamente é exercida pela mãe biológica, ou ainda, por uma mulher.

O percurso desse amor em relação à mãe segue formas que se diferem. Freud<sup>(5)</sup> postula que o menino possui a mãe como sendo o seu primeiro objeto de amor, permanecendo assim, ligado a ela, durante também a formação do Complexo de Édipo, bem como, em essência, por toda a sua vida.

Ao passo que a menina quando entra na fase edipiana, não mais possui a mãe como sendo seu objeto de amor direcionando assim sua libido para o pai. De tal modo, Freud<sup>(5)</sup>denota que o pai vem a se tornar o seu objeto de amor e, posteriormente, é esperado que a menina deva passar deste objeto paterno, para a sua escolha objetual definitiva.

É possível pensar que ambos permanecem marcados pela relação inicial com a mãe, ainda que futuramente troquem de objetos de amor. Para compreender a relação do indivíduo com o objeto de amor é necessário discorrer, ainda que brevemente, sobre o Complexo de Édipo, que se refere a uma formulação do desenvolvimento sexual infantil, onde a criança possui desejos inconscientes em relação aos pais. Segundo Kahn, dentre tais desejos inconscientes encontra-se o de livrar-se de seu rival, sendo este, o pai ou mãe, a fim de substituí-lo.<sup>(6)</sup>

Ainda em relação aos primeiros cuidados ofertados ao bebê e ao primeiro objeto de amor, Freud traz o conceito do “chuchar”. Este, refere-se ao modelo das ditas manifestações da sexualidade na infância, bem como se refere ao sugar com leite. Trata-se de uma repetição rítmica de um contato de sugar com a boca. A novidade que Freud insere nesse ato é que no chuchar está excluído o propósito de se alimentar. De tal modo, o chuchar se faz presente no lactante e pode persistir até a maturidade ou, ainda, por toda a vida.<sup>(1)</sup>

Assim, a finalidade do chuchar já não está mais relacionada à satisfação das necessidades biológicas, como o saciar da fome, visto que, por vezes, a criança leva à boca objetos que são desprovidos da finalidade da alimentação como, por exemplo, partes do próprio corpo e objetos. Ou, ainda, como o autor descreve, o chuchar pode permanecer por

toda a vida. Para Freud o ato da criança que chucha refere-se à busca de um prazer que já foi vivido e que agora lhe é lembrado.<sup>(1)</sup>

*É fácil adivinhar também em que ocasiões a criança teve as primeiras experiências desse prazer que agora se esforça por renovar. A primeira e mais vital das atividades da criança - mamar no seio materno (ou em seus substitutos) - há de tê-la familiarizado com esse prazer. Diríamos que os lábios da criança comportaram-se como uma zona erógena, e a estimulação pelo fluxo cálido de leite foram sem dúvida a origem da sensação prazerosa. A princípio, a satisfação da zona erógena deve ter-se associado com a necessidade de alimento. A atividade sexual apoia-se primeiramente numa das funções que servem à preservação da vida, e só depois torna-se independente delas. (1:171)*

De acordo com as palavras de Freud pode-se entender que o chuchar deriva-se da alimentação, dissociando-se dela posteriormente. Lacan postula que a demanda oral se refere à demanda de ser alimentado. Trata-se de uma demanda dirigida ao Outro da relação, de modo que esta demanda (de ser alimentado), responde no nível do Outro, à demanda de se deixar alimentar. Compreende-se que, ocorre, na demanda de ser alimentado, uma inversão, sendo, portanto, uma demanda de “se deixar alimentar”.<sup>(2)</sup> É do encontro destas duas demandas que surge o desejo. Para Lacan, assim como para Freud, a demanda oral possui outro sentido, para além da satisfação da fome, visto que ela se diz de uma demanda que é sexual.

A partir da alimentação do bebê, seja ela através do seio ou da mamadeira, uma construção da relação entre mãe e bebê se sobressai. Trata-se de um envolvimento fortemente marcado por cuidados, sentimentos e, sobretudo, desejo.

Segundo Lacan<sup>(7)</sup> algo fundamental em relação à amamentação faz referência a uma frustração. Isso porque o seio materno não está à disposição do bebê o tempo todo, inaugurando aí um objeto que se marca por sua presença e também por sua ausência. Na dialética da frustração, por sua vez enquanto agente simbólico, a mãe, com seus ritmos de estar presente e ausente, passa a frustrar a criança diante de uma falta, tanto do seio, quanto de sua presença. É justamente nesta alternância entre presença e ausência deste objeto real, que ocorre a dialética da frustração.

Em relação à presença e ausência, Freud traz o conceito do jogo do “fort-da”, o qual foi elucidado através de sua observação, de uma criança que jogava seus brinquedos e depois os apanhava. Para Freud, o jogo refere-se ao desaparecimento e posterior retorno do objeto. Interpreta-se o fort-da como a relação da criança com a ausência da mãe, visto que, na impossibilidade de ter a mãe presente o tempo todo, a criança elaborará isso posteriormente na brincadeira, encenando estar o aparecimento e o desaparecimento da mãe, com o intuito de transformar em atividade uma situação que viveu passivamente<sup>(8)</sup>. Assim, é quando a criança

se depara com sua frustração, diante da possibilidade de se saciar, que poderá vir a ocorrer uma mudança em sua relação com os objetos, neste sentido, em sua relação com a mãe.

Para Lacan, anteriormente a mãe estava inscrita na estruturação simbólica para a criança, sendo um objeto que se faz, ora presente, ora ausente, justamente em função do apelo da criança. Contudo, posteriormente, ela torna-se percebida como real, por não responder mais ao apelo infantil. Nesse sentido, na relação da criança com o objeto, quando este não responde mais, é aí que o objeto torna-se real e, assim, também uma potência. Para Lacan, nesse momento, ocorre uma inversão na posição de objeto, pois, quando a mãe torna-se uma potência, é dela que a criança depende para vir a ter acesso aos objetos. Se num primeiro momento tais objetos eram objetos de satisfação, tornam-se, então, diante da mãe potente, objetos de “dom”.<sup>(7)</sup>

*[...] os objetos que a criança quer reter consigo não são mais objetos de satisfação, e sim a marca do valor dessa potência que pode não responder, e que é a potência da mãe. Em outras palavras, a posição se inverteu – a mãe tornou-se real e o objeto simbólico. O objeto vale como testemunho do dom oriundo da potência materna.<sup>(7:69)</sup>*

Os objetos que a mãe oferece ao bebê marcam para a criança a potência materna. Também para Lacan, não existe maior signo de amor, do que justamente o dom daquilo que não se tem, sendo que o dom refere-se a dar alguma coisa de forma gratuita, pois, por trás do que se dá existe tudo aquilo que não se tem.<sup>(9)</sup>

Nesse sentido, o seio, primeiramente possui um lugar de objeto de satisfação, adquirindo, posteriormente, o valor de um objeto de dom de amor. Ser alimentado ganha o estatuto de dom, e assim, de equivalente simbólico de amor. Pode-se entender, então, que ser alimentado pela mãe é ser amado por ela.

Também do lado da mãe, transmite-se mais do que apenas os cuidados referentes à sobrevivência do bebê. Para além disso, a mãe transmite sentimentos seus em relação à sua vida sexual e acaba por colocar o bebê na posição de um substituto do objeto sexual.<sup>(1)</sup> Em relação ao desejo materno, para Freud<sup>(10)</sup> uma das saídas no Édipo feminino refere-se ao desejo pelo falo nas meninas, resultante do desejo inconsciente que a marcou na infância de ter um filho do pai; como forma de suprir-se.

O bebê pode ser compreendido pela mãe como uma recompensa, como um substituto daquilo que lhe falta. Isso porque o desejo de ter um filho é construído a partir da elaboração edípica da mãe enquanto mulher, onde desejos inconscientes de sua vida infantil permanecem latentes na vida adulta.

Lacan<sup>(7)</sup> destaca que o falo não deve ser confundido com o pênis, e, partindo dos pressupostos freudianos, destaca que dentre as faltas de objetos que são essenciais para a mulher, o falo se faz presente. Compreende-se que o falo se refere a algo que a mulher não tem e que ela supõe que passará a ter assim que tornar-se mãe, através de uma equivalência entre bebê e falo. É possível pensar que algumas mães colocam o bebê no lugar de objeto de satisfação de seu desejo. Assim, o bebê pode ser colocado no lugar de falo da mãe, o que pode resultar em um engodo de difícil saída, visto que a mãe pode vir a possuir o bebê como aquele que supre o que nela falta. Nesse sentido, Lacan<sup>(11)</sup> discorre que a criança pode vir a utilizar sua recusa alimentar, como sendo um “desejo”, referindo-se à “anorexia mental”.

*Mas a criança nem sempre adormece assim no seio do ser, sobretudo quando o Outro, que também tem suas ideias sobre as necessidades dela, se intromete nisso e, no lugar daquilo que ela não tem, empanturra-a com a papinha sufocante daquilo que ele tem, ou seja, confunde seus cuidados com o dom de seu amor.<sup>(11:634)</sup>*

Pode-se pensar sobre essa anorexia que o objeto da necessidade permanece fixado como moeda de troca e a oferta é feita de forma predominante pelo Outro primordial. Portanto, é possível entender que a mãe, em sua recusa em vir mostrar-se como faltosa, acaba por impedir que o sujeito consiga construir um caminho próprio, sendo este rumo ao desejo.<sup>(12)</sup>

O sintoma da anorexia, entendido aqui como uma recusa a alimentar-se, pertence, portanto, ao campo do desejo, e através dele há um pedido a este Outro materno de que venha a buscar e sustentar um desejo que esteja em outro lugar e não somente na criança, visto que esta pode passar a ocupar um lugar de objeto materno.

A anorexia inscreve-se em um movimento que é dialético com o Outro materno, onde com este sintoma pretende impor uma falta. De tal modo, o que a criança anoréxica anseia é justamente deixar de ser o único objeto de investimento materno.<sup>(13)</sup>

O que delimita essa relação dual entre mãe e bebê é a entrada da metáfora paterna, nomeada por significante do Nome-do-Pai. Este significante possibilita a dialetização do desejo da mãe em relação ao filho, libertando este de ser o objeto materno. A introdução deste pai simbólico traz uma nova dimensão à relação da mãe com a criança, onde esse elemento é mediador e essencial do mundo simbólico, bem como de sua estruturação, onde a criança sai do lugar de acoplamento com a mãe.<sup>(3)</sup> Segundo Vieira e Barrosa, a função do significante do Nome-do-Pai é justamente a de vir a tornar relativo este apetite da mãe, o qual sem este significante seria infinito. Assim, a anorexia pode ser compreendida como o sintoma que marca uma separação entre a mãe e a criança.<sup>(14)</sup>

Entretanto, é possível compreender este sintoma também a partir de outro viés, como sendo uma inversão da relação de dependência entre a criança e a mãe. Lacan postula que a anorexia infantil refere-se a uma consequência frente a um descompasso entre as demandas de ser alimentado e de se deixar alimentar, resultante, por sua vez, de um impasse entre a mãe e a criança.<sup>(2)</sup>

Relacionando o desmame à frustração, para Lacan<sup>(15)</sup> o tempo lógico do desmame é um momento localizado como simultâneo ao Estádio do Espelho, onde a criança reconhece o seu próprio corpo, mas, ao mesmo tempo, experimenta uma decepção, ao reconhecer que a mãe é separada dela mesma. É nesse momento de inversão da relação da mãe com a criança que se pode localizar o próprio sintoma da recusa alimentar, visto que a recusa alimentar poderia ser uma forma de tentativa da criança de vir a inverter essa relação de dependência, fazendo assim com que a mãe, então, venha a depender dela.

Por essa via, na anorexia mental não se trata de “não comer”, mas sim de um “comer nada”.<sup>(16)</sup>

*O que está em questão neste detalhe, é que a criança come nada, o que é diferente de uma negação da atividade. Esta ausência saboreada como tal, ela a emprega diante daquilo, que tem à sua frente, a saber, a mãe de quem depende. Graças a este nada, ela faz a mãe depender dela.*<sup>(16:188)</sup>

É possível pensar que a criança busca controlar, através do sintoma da recusa alimentar, a sua relação com a mãe, fazendo assim com que a mãe, então, dependa dela. Nesse sentido, os adultos tornam-se dependentes da criança anoréxica e também há uma forma de transferência de angústia, pois, ainda que a criança anoréxica não esteja angustiada, os adultos ao seu redor angustiam-se. Frente a cada colherada, ainda que mínima aceita ou não pela criança, os pais angustiam-se.<sup>(14)</sup>

Pode-se entender que se a presença excessiva da mãe pode ser entendida com uma problemática, podendo ser respondida pela criança com um sintoma de recusa alimentar, a ausência da mãe também o pode. Isso porque, segundo Zalcberg<sup>(13)</sup>, a ausência da mãe pode ser compreendida pela criança como uma falta de amor. Portanto, ao inverter a sua relação de dependência com a mãe, a criança demanda a presença da mãe, a fim de que ela a cuide, ou ainda, a ame.

Através deste estudo foi possível compreender que a recusa alimentar, bem como a relação que cada sujeito tem com o alimento, passa de forma fundamental pela sua relação com a mãe. Para isso, foram apresentadas duas interpretações possíveis para a recusa alimentar. A primeira referiu-se à anorexia como sendo um sintoma que tem a função de

separar a criança de sua mãe, a fim de que a mãe possa buscar e sustentar um desejo que esteja em outro lugar e não somente na criança como objeto materno.

A segunda referiu-se à recusa alimentar como um sintoma que tem como função promover uma inversão na relação de dependência entre a criança e sua mãe. Através dessa leitura, pensou-se que a criança busca, através de sua recusa, fazer com que a mãe venha a depender dela diante de suas tentativas de vir a alimentá-la. Assim, a criança busca controlar, através do sintoma da recusa alimentar, a sua relação com a mãe.

Pensando por essa via, pode-se entender que se ser alimentado pela mãe é receber o amor desta mãe, se recusar a se deixar alimentar é convocar o amor da mãe. Isso porque, recusando-se a comer, a criança denuncia algo conflitivo em sua relação com a mãe e, através da recusa, coloca a mãe em posição de angústia e dependência dela.

É importante ressaltar que a forma com que a mãe presta cuidados ao filho, ou seja, a forma com a qual ela exerce sua função materna, dependerá radicalmente da maneira como ela mesma foi cuidada enquanto filha e também de como ela elaborou seu complexo de Édipo. Portanto, será através de questões próprias que uma mulher irá exercer sua função como mãe. É importante também denotar que muitas questões são inconscientes à mãe e revelam a enorme importância de trabalhá-las em análise, preferencialmente em um espaço próprio da mãe, separado do espaço do tratamento de seu filho.

## REFERÊNCIAS

1. Sigmund F. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. (1905). In: Um caso de Histeria, Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos. Vol. VII. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. – Rio de Janeiro: Imago, 1996.
2. Jacques L. Demanda e desejo nas fases oral e anal.(1961). In: O seminário, livro 8: a transferência, 1960-1961. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2ª Ed., 2010.
3. Jacques L. As calças da mãe a carência do pai.(1957). In: O seminário, livro 4: a relação de objeto, 1956-1957. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 1995.
4. Jacques L.Nota sobre a criança.(1969). In: Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
5. Freud S. Conferência XXXIII Feminilidade. (1932). In: Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise e outros trabalhos. Vol. XXII. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. – Rio de Janeiro: Imago, 1996.



6. Kahn M. Freud básico pensamentos psicanalíticos para o século XXI. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
7. Jacques L. A dialética da frustração. (1956). In: O seminário, livro 4: a relação de objeto, 1956-1957. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 1995.
8. Sigmund F. Além do princípio de prazer. (1920). In: Além do Princípio de Prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos. Vol. XVIII. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. – Rio de Janeiro: Imago, 1996.
9. Sigmund F. Dora e a jovem homossexual.(1957).In: O seminário, livro 4: a relação de objeto, 1956-1957. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 1995.
10. Sigmund F. A dissolução do complexo de Édipo. (1924). In: O Ego e o Id e outros trabalhos. Vol. XIX. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira. – Rio de Janeiro: Imago, 1996.
11. Jacques L. A direção do tratamento e os princípios de seu poder. (1958). In: *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
12. Vieira CAL. Anorexia: uma tentativa de separação entre o Sujeito e o Outro. Rev. Mal-Estar Subj.[periódico internet]. Set 2008. [citado: 2016 nov 02] Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482008000300004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482008000300004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso: em 02 Nov. 2016.
13. Zalcberg M. A relação mãe e filha. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2003. – 17ª reimpressão.
14. Vieira MA; Barros RR. Mães. – Rio de Janeiro (RJ): Subversos, 2015.
15. Jacques L. Teoria da falta de objeto.(1956).In: O seminário, livro 4: a relação de objeto, 1956-1957. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 1995.
16. Jacques L. O falo e a mãe insaciável. (1957) In: O seminário, livro 4: a relação de objeto, 1956-1957. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 1995.